



TRABALHANDO RÓTULOS E PROPAGANDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

WORKING LABELS AND ADVERTISEMENTS IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

Rafaela da Solidade Santos²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo relatar sobre um projeto de ensino realizado na Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), cujo tema foi “Trabalhando Rótulos e Propagandas”, desenvolvidos na classe de 1º ciclo, com participação de cinco alunos matriculados na turma, tendo duração de 28 dias. Neste período, houve aula expositiva dialógica, discussão sobre curiosidades do tema, foram realizadas atividades práticas, bingo, construção de texto, de marca, slogan e propaganda. As atividades foram realizadas de forma individual e também em grupo. O objetivo principal consistia na interpretação e na identificação do propósito comunicativo de rótulos e propagandas, no desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual, no estímulo à criatividade e ao diálogo, assim como no desenvolvimento da consciência crítica. Os principais teóricos que sustentam a pesquisa são Arroyo (2019), Barcelos (2021), Freire (2021), Gazoli (2013) e Leite (2013). Devido à participação, à interação, à curiosidade em aprender e saber mais sobre o tema abordado e ao desenvolvimento dos educandos, pode-se afirmar que o objetivo foi alcançado.

Palavras- chave: Educação. EJA. Projeto.

ABSTRACT: This work aims to report on a teaching project carried out in Youth and Adult Literacy (AJA), whose theme was “Working Labels and Advertisements”, developed in the 1st cycle class, with the participation of five students enrolled in the class, lasting 28 days. During this period, there was a dialogical expository class, discussion on interesting facts about the topic, practical activities, bingo, construction of text, brand, slogan and advertising were carried out. The activities were carried out individually and also in groups. The main objective consisted of interpreting and identifying the communicative purpose of labels and advertisements, developing oral, written and visual language, stimulating creativity and dialogue, as well as developing critical awareness. The main theorists supporting the research are Arroyo (2019), Barcelos (2021), Freire (2021), Gazoli (2013) and Leite (2013). Due to participation, interaction, curiosity in learning and knowing more about the topic covered and the development of students, it can be said that the objective was achieved.

Keywords: Education. EJA. Project.

INTRODUÇÃO 1

Esta pesquisa tem por objetivo relatar sobre um projeto de ensino realizado na

¹ O presente texto é parte constitutiva da monografia intitulada “Os processos de ensino e aprendizagem no 1º ciclo da educação de jovens e adultos: impactos da pandemia de covid-19”, apresentada e defendida no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão, em 2022.

² Rafaela da Solidade Santos, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rafaelasolidade4576@gmail.com.



Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujo tema foi “Trabalhando Rótulos e Propagandas”, desenvolvido na classe de 1º ciclo. O projeto tinha por finalidade a interpretação, a identificação do propósito comunicativo de rótulos e propagandas, o desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual, o estímulo à criatividade e ao diálogo, assim como o desenvolvimento da consciência crítica.

Nos dias atuais, com o avanço da tecnologia, o ser humano está a todo o momento, conectado a meios de comunicação, seja via aparelho celular, computador, rádio, televisão, entre outros. Com isso, o capitalismo desenfreado cerca, de todas as formas, jovens e adultos.

Este trabalho reafirma a indagação explanada por Freire e Guimarães (2021, p. 67): “de que adianta mil anúncios, mil propagandas, divulgando mil coisas, se a minha realidade não permite que eu assimile, incorpore aquilo à minha vivência? Aquilo passa como informação a fundo perdido, não?”.

Pelas redes sociais, o bombardeio de propagandas falsas a todo instante é demasiado, assim como as *fake news*, que, de forma maliciosa, ludibriam o consumidor e causam profundos danos, tanto financeiros quanto psicológicos. Diante disso, Freire e Guimarães (2021, p. 37) afirmam que:

Os educadores não podem de maneira nenhuma, no mundo de hoje, silenciar ou simplesmente botar entre parênteses esse problema. É preciso ver o que fazer durante o período em que os meios de comunicação estão preponderantemente nas mãos de um poder antipopular, por exemplo. De um poder que não opta pelo povo, pelas classes populares.

A fim de minimizar esse malefício, faz-se necessária uma análise rigorosa sobre tais propagandas, desenvolver o raciocínio crítico diante de cenários enganosos ou não. “O problema é perguntar a serviço ‘do quê’ e a serviço ‘de quem’ os meios de comunicação se acham” (FREIRE; GUIMARÃES, 2021, p. 36). Diante do exposto, objetivou-se, também, a partir da execução do projeto, a inserção dos alunos no mundo letrado, através de leitura, escrita e interpretação de rótulos e propagandas.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir de um mês e oito dias de observação participativa seguido de um projeto de ensino, realizado na EJA, especificamente no 1º ciclo da Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), com cinco alunos matriculados na turma. As atividades foram desenvolvidas nas terças e nas quartas-feiras, ocupando as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, entre novembro/ dezembro de 2020. Esta pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa.

Os dados analisados foram obtidos a partir das anotações durante o período de observação, assim como as experiências vivenciadas durante a aplicação do projeto. Para corroborar com a análise, realizou-se, ainda, uma pesquisa bibliográfica sobre a EJA e os diversos tipos de rótulos e propagandas.



Durante o período de observação, o assunto trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa foi gêneros textuais, o que culminou na realização do projeto focado em rótulos e propagandas, para que assim fosse intensificado o entendimento desses gêneros, a partir do contexto de vida dos educandos.

Com aproximação a alguns alunos, foi possível conhecer um pouco mais de suas histórias, a partir de seus relatos de vida. Era possível perceber que eles apreciavam esse momento, pois se sentiam percebidos. Todas as informações eram anotadas no diário de campo. Segundo Ludke e André (1986 apud Barros et al. 2013, p. 121), “no diário de campo é possível registrar dois tipos de materiais, sendo um descritivo e outro reflexivo: o primeiro descreve detalhadamente o ocorrido em campo e observado pelo pesquisador, o segundo inclui inferências pessoais sobre o material descrito”.

Nesta lógica, as observações que foram descritas no diário de campo durante todo o processo de observação e interferência, incluem considerações pessoais que compõem o conjunto de dados analisados.

Durante a execução do projeto, houve discussões sobre curiosidades do tema, funções, demonstração gráfica, cores, interpretação de propagandas, onde circulam, a quem se destinam, formas e tamanhos de letras. Foram realizadas atividades práticas, bingo, construção de texto, de marca, slogan e propaganda. A escrita, o vocabulário e a socialização foram enfocados durante todo o processo do projeto, inclusive na construção de rótulo, marca, slogan e propaganda de um produto fictício, construído em dupla e, por fim, na apresentação do trabalho final, resultando na culminância do projeto.

Como defende Leal (2013, p. 103), “projetos didáticos são propostas de intervenção pedagógica em que são propiciadas situações didáticas em que o professor e os alunos se comprometem com um propósito (resolver determinado problema) e com um produto final ao término do período proposto”. O produto final revelará a eficácia da intervenção.

Para melhor entendimento da formação da classe trabalhada, apresentamos a seguir a caracterização dos sujeitos:

Tabela 1. Caracterização dos alunos.

Sujeitos	Idade	Estado Civil	Sexo	Naturalidade	Religião	Profissão
M1	18	Solteiro	M	São Cristóvão (SE)	Nenhuma	Estudante
M2	15	Solteiro	M	São Cristóvão (SE)	Nenhuma	Estudante
M3	18	Solteiro	M	São Cristóvão (SE)	Nenhuma	Estudante
M4	17	Solteiro	M	São Cristóvão (SE)	Nenhuma	Estudante
M5	15	Solteiro	M	Alagoas	Evangélico	Palhaço

Fonte: elaborada pela autora.



RESULTADO E DISCUSSÕES 3

Relatando a experiência 3.1

No primeiro dia, foi realizada uma aula expositiva, com discussão em sala de aula, a partir dos slides expostos, com as turmas de 1º e 2º ciclo. A maioria dos alunos desconhecia o gênero textual rótulo. Debates sobre propagandas, publicidade e suas funções, onde veiculam, a quem se destinam, o significado das cores, o que é marca, slogan e logotipo.

Em diálogo com os estudantes, eles foram tirando dúvidas e colocando exemplos de situações no seu dia a dia. Para finalizar, foi exposto um vídeo de uma propaganda de perfume, cujo tema era a inclusão em sala de aula. Em seguida, foi indagado o que eles entenderam, o que modificariam na propaganda etc., mantendo, assim, o diálogo. A aula foi diagnóstica: a partir dela, foi possível perceber até que ponto os alunos entendiam sobre rótulo e propaganda. Como nos lembram Freire e Shor (2021, p. 44):

[...] este aluno já tem uma rica experiência com prática de letramento, embora, frequentemente, não tenha um domínio adequado do código. A estratégia, portanto, é partir do conhecimento já acumulado, ampliar as práticas de letramento em função das demandas sociais que os alunos enfrentam e, ao mesmo tempo, desenvolver atividades que possibilitem o domínio do código.

Diante dos entraves e da falta de autoconfiança por parte dos alunos e para conhecer melhor o contexto de vida dos educandos, no segundo dia de realização do projeto, pedi aos cinco estudantes que sentassem em círculo. A aula foi iniciada com o poema “No meio do caminho” de Drummond. Ao término da leitura, foi questionado o que eles entenderam sobre o poema. Apenas M3 respondeu: “Que no meio do caminho dele tinha uma pedra”. A compreensão de texto dos meninos era razoável, porém a interpretação era crítica.

Após explicar a eles que o autor, ao citar pedras no meio do caminho, referia-se aos problemas que encontramos nas nossas vidas, foi-lhes perguntado quantas pedras encontravam em seus caminhos. Os alunos responderam: “Ah, várias”; “muitas”; “nem vou contar”. Questionados quantos deles ouviam diariamente que não são capazes, M3 relatou: “Professora, os meus vizinhos diziam que eu não ia passar dos 15, eu já tô com 18”; M5:

“No meu caso é a minha mãe que me joga praga, quando eu saio ela diz: tomara que encontre a polícia na rua e ela te dê uma surra, pra você aprender”; M4: “No meu caso, professora, é o meu pai. Ele sabe ler e escrever, mas quando eu pedia pra ele me ensinar, ele dizia: se vire”; M2: “No meu caso é minha irmã que fica me xingando, diz que eu sou preguiçoso... isso me deixa triste”. Podemos perceber que a maioria do reforço negativo dos educandos da EJA parte da própria família.

Em continuidade, foi indagado quantos deles já tinham sido marginalizados pela sociedade e até pela própria escola, M3 respondeu: “Todo mundo, as professoras era as primeiras a dizer que eu não ia conseguir”. Então, questionei quantas professoras os



chamavam do “fundão” para a frente e fizeram questão de ensinar para que aprendessem; M3 disse nenhuma ter feito isso; “Só a senhora que fez isso”, relatou M5.

Houve um diálogo com os alunos sobre uma aluna que, na aula anterior, depois de muito participar, tirar dúvidas e expor exemplos da sua vida cotidiana em relação ao assunto em que estávamos dialogando, disse que não iria participar das aulas nos dias da realização do projeto. Isso brotou em mim uma enorme tristeza e vontade de desistir, porém, diante do acolhimento dos meninos, lembrei-me dos dias em que alguns chegavam desmotivados, e, junto à professora, tentávamos animá-los, dizíamos-lhes que eram capazes e que não deixassem ninguém os fazer duvidar de suas capacidades. Dessa forma, não me sentia no direito de também desistir.

Como nos lembra Freire (2020, p. 96), “devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho”. “Continuarei com o projeto porque acredito nele e acredito em vocês!”. A imagem dos meninos no portão da escola me pedindo para não desistir, me fez perceber que, no fundo, não estavam tentando me impedir de desistir apenas do projeto, mas para não desistir deles também. Esse ato de respeito e cuidado nos remete a Barcelos (2021, p. 84), quando enfatiza que:

Assim como a atenção, é necessário termos muito cuidado com a EJA. E cuidado aqui no sentido de incentivar no educador (a) desde o cuidado de si até o cuidado com o outro. [...] Não podemos esquecer que o cuidado é um valor e, como tal, não se ensina. Valores constroem-se em espaço de convivência solidários e fraternos. A escola pode, e deve, ser um destes espaços.

Os alunos estavam emocionados; M3 disse: “vou aprender a ler para mostrar para o meu pai que eu consigo!”. Como enfatiza Barros (2013 p. 150), “a confiança que se constrói na relação com o professor aumenta o compromisso do aluno com a atividade, com os conteúdos desenvolvidos, com o estudo – enfim, com o processo de ensino/aprendizagem. Essa relação de confiança é construída a partir da coerência entre o que o professor fala e o que faz”. Dessa forma, os educandos puderam perceber fundamento em todos os nossos diálogos.

Iniciando os trabalhos, com os alunos ainda em círculo, os rótulos em cima da mesa, um cartaz com rótulos pregado na parede, disponibilizei um alfabeto móvel. A atividade era de decomposição de palavras; a dinâmica era ler o nome da marca e encontrar outra palavra entro dela. Como defendem Leal e Moraes (2013, p. 136):

Assim, as atividades de composição e decomposição são aquelas que possibilitam explicitamente a análise e as sínteses das palavras, ou seja, favorecendo as reflexões acerca de que as palavras são formadas por segmentos menores (sílabas/fonemas) e, que, por tanto, tais segmentos são utilizados a produção de novas palavras.



Percebendo a dificuldade dos meninos, foi preciso exemplificar no quadro, com letras maiúsculas e minúsculas, e, por vezes, em uma distância adequada, retirar a máscara de proteção e falar os sons das letras para eles terem essa consciência grafema-fonema. Perguntando as letras e as sílabas, eles procuravam as letras no alfabeto móvel e em comunhão iam montando as palavras. “Neste caso, eles precisam focar a atenção em detalhes das palavras e verificar que a troca, inserção ou retirada de uma letra pode transformar uma palavra em outra e, desse modo, desenvolver habilidades de análises das partes das palavras” (LEAL e MORAES, 2013, p. 139).

M1 pediu para fazer o nome de sua parceira (fictícia), e solicitei a todos que o ajudassem, pois “quanto mais um aprende, mais o grupo inteiro cresce e desenvolve a reflexão crítica acerca do conhecimento do mundo” (GAZOLI, 2013, p. 78). Formaram várias palavras e M1 perguntou se, na próxima aula, ele poderia levar a parceira dele. Como afirma Barcelos (2017, p. 95):

O querer aprender é algo que, muito frequentemente, está estampado no olhar, no rosto, no sorriso tímido e acanhado, no gesto e na manifestação de alegria que emana de quem pela primeira vez vê as letras que formam seu nome serem por ele reunidas numa palavra que tem um som bem conhecido seu. Quando este querer aprender se encontra com a vontade de alguém que quer ver este desejo se realizando, nós temos apenas não um encontro, mas, sim, uma comunhão.

Inicialmente foi desafiador cativar a atenção dos alunos, pois se distraíam facilmente, além de tudo ser motivo de zombaria, como de violência verbal e ameaça para a física. No entanto, eles tentavam se controlar ao máximo; foram muitas conversas obtidas com eles em relação às consequências da violência. Foi conversado sobre a importância de comunicar ao outro quando não gostasse da brincadeira, sem agredi-lo de qualquer forma. Também foi acordado não interromperem as pessoas quando estivessem falando, pois o que cada um tinha para falar era importante. A mudança não foi brusca; eles foram melhorando com o passar do tempo. Assim que um interrompia, o outro já questionava. Como enfatiza Barcelos (2021, p. 96),

Não é difícil perceber como o clima de tensão acompanha o trabalho docente em geral e em particular a EJA. Além das tensões habituais, rotineira do trabalho de professor (a) – baixos salários, condições de trabalho muitas vezes precário, excesso de carga horária, carência na formação profissional etc. -, o trabalho com jovens e adultos exige um esforço ainda maior.

Assim, no terceiro dia, a aula foi iniciada com a leitura de um trecho do livro “Ostra feliz não faz pérola”, de Rubem Alves. Enquanto lia, parava em alguns pontos e perguntava o que eles entenderam do trecho ou se sabiam o significado de determinada palavra e assim íamos discutindo sobre o texto. Ao finalizar, questionei sobre o que eles entenderam. M3 relatou que entendeu que a ostra fez uma pérola com a areia.

Foi conversado sobre a importância de fazermos das nossas dificuldades/problemas algo positivo, pois é na dor, na dificuldade, diante de um problema, que somos capazes de criar, inventar e nos reinventar. Em seguida,



realizamos uma dinâmica, com uma linha de barbante; quem segurava a linha tinha a vez de se apresentar – idade, nome, onde reside e em que trabalha. Ao terminar, continuava segurando a linha, passando a vez de fala para o que estava ao lado, e assim consecutivamente. Devido à enorme dificuldade de alguns para falar, foi preciso bastante incentivo.

No final das apresentações, foi questionado o que tínhamos formado com aquele barbante, M3 responde: “Nois construiu uma aliança, né?”. Indaguei o que a “aliança” significava; M3 disse: “quer dizer que, se você quebrar a confiança, não vai ter uma reconciliação como antes”. Respondi que sim e que significa também que o ensino e a aprendizagem dependem desse vínculo, de laços, é uma via de mão dupla. Enfatizei que não estava lá apenas para ensinar, mas para também aprender com eles. “Isto é, estou reconhecendo aquilo que pensei que conhecia, com estudantes que estão começando a conhecer essas questões” (FREIRE e SHOR, 2021, p. 25).

Posteriormente a uma longa conversa, iniciamos a atividade do dia. O objetivo era agrupar os rótulos que tinham o mesmo som e escrever no caderno as palavras que possuem sons parecidos. “Ao tentarem escrever, eles têm que mobilizar as informações armazenadas na memória, para selecionar quais letras irão usar para escrever cada palavra. Em atividades de escrita de palavras, eles podem automatizar tal busca” (BARCELOS, 2021, p. 144).

Figura 1. Escrevendo nomes de marcas que possuem sons parecidos.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Percebendo a dificuldade dos educandos, foi necessário escrever os nomes das marcas no quadro, perguntando e falando os nomes das letras para eles terem a consciência fonológica. Então, pedia para eles encontrarem outra marca, por exemplo, foi perguntado qual outra palavra que se iniciava com “pi” ou terminava com “co”. Eles falavam várias palavras que não faziam sentido; enfatizei a importância de prestar atenção nos sons das palavras, e começaram a falar as que tinham os sons parecidos, porém, não estavam no começo e nem no fim. Como enfatiza Moraes (2013, p. 54),

[...] ao refletir sobre os “pedaços orais”, o aprendiz pode realizar operações diversas: identificar semelhanças e diferenças, produzir palavras com pedaços parecidos, contar quanto pedaços existem, segmentar os pedaços em



voz alta, juntar ou subtrair pedaços, mudar a ordem dos pedaços na palavra, comparar as palavras quanto ao tamanho.

A aula seguinte foi iniciada com o poema “Eu, etiqueta”, de Drummond, e fui interagindo com eles – “o que vocês acham que ele está querendo dizer?”, “De acordo com o que a gente já trabalhou em sala, o que é logotipo?”, “Esse texto fala também do capitalismo desenfreado, as pessoas deixam de ser elas mesmas para usar algo só porque está na moda”. Os alunos também foram dando exemplos da vida deles. Sempre estipulava um tempo para os alunos merendarem, porém, nesse dia não foi possível o término da discussão, devido à entrada dos educandos na sala e à sua saída dela, relativas ao processo de entrega da merenda, o qual desestabiliza a todos.

Em seguida, foi entregue a cada um uma atividade escrita em uma folha - a receita da queijadinha, a mesma é patrimônio imaterial de São Cristóvão/SE, o breve enunciado contava um pouco de sua história; apenas um aluno já tinha esse conhecimento, comprovando o quanto os educandos desconheciam de sua cultura local.

Depois de ler e discutir o enunciado com eles, foi explicado o objetivo (o comando) da atividade do dia – consistia em preencher as lacunas que tinham nos nomes dos ingredientes, assim como nas marcas; algumas palavras faltavam vogais e outras consoantes. Segundo Leal e Moraes (2013, p. 138), “ao manipularem unidades linguísticas, os estudantes refletem sobre os princípios do sistema alfabético.”

É importante ressaltar que, as marcas de produtos e os nomes dos produtos obtidos na atividade eram as mesmas contidas na cartolina que já tínhamos estudado. Mesmo assim, a dificuldade em codificá-las foi surpreendente, tornando o atendimento individual imprescindível para a aprendizagem. Era perceptível que M4 não tinha nem noção de tempo, pois, na data da atividade, colocou um ano bem mais além do que estávamos.

Percebida a falta de percepção por parte dos alunos sobre o que é vogal e consoante, letra, sílaba, palavra ou frase, pois, por vezes, colocavam mais de uma letra dentro do espaço e, mesmo quando explicava que ali estava destinado a uma vogal, colocavam consoantes e vice-versa. Diante disso, foi feita uma breve explicação no quadro os indagando sobre o assunto, com qual letras eles achavam que começava a palavra etc. “O ideal é sempre pôr os alunos na condição de quem sempre resolve a tarefa, pedindo que digam com que letras acham que cada palavra começa, qual vem depois, quantas letras acham que será preciso para escrever cada palavra do par... e que justifiquem suas respostas” (MORAIS, 2013, p. 65). Dessa forma, foi possível o desenvolvimento da atividade.

Assim, diante de tantos entraves, foi preciso escrever os nomes das marcas contidas na atividade na lousa e ler junto com eles para que tentassem identificar as letras que estavam faltando. M5 mostrava-se muito desconcentrado, ficava oscilando entre as duplas dos meninos. Porém, sempre estava em discussão sobre a atividade com os meninos. Assim, conseguiu, também, finalizar sua atividade.

No quinto dia, a aula foi iniciada com Drummond (“Coisas que vale a pena pensar”). Durante a leitura, eles davam contribuições relacionadas às suas vivências. Era



perceptível que eles gostavam muito desses momentos de conversas e reflexão, pois o aprendizado, a troca etc. também se faziam presentes.

Logo após, iniciamos uma dinâmica com balões. O propósito da dinâmica era que cada um amarrasse uma bexiga em seu tornozelo e a defendesse. Então, começaram a estourar a bexiga um do outro. Ao término queriam saber quem tinha sido o vencedor; perguntei o que eu tinha dito no início da dinâmica: “a senhora falou pra gente defender nossa bola”, disse M3; “Agora vamos refletir o que aconteceu. Será que estamos ouvindo bem o outro? Será que estamos prestando atenção e sabendo interpretar o que nos falam?”, questionei. M3 respondeu que não.

Conversamos sobre a importância de saber ouvir e sobre a competitividade que pode ocorrer em sala de aula, pois, quando pensamos em prejudicar o outro, prejudicamos o grupo todo. “Se a educação não rima com competição, há que privilegiar a busca da felicidade a partir da cooperação, da solidariedade, do compartilhamento e não da disputa que nos leva, invariavelmente, à anulação e aniquilamento do outro” (BARCELOS, 2021, p. 87). Para finalizar, dialogamos sobre o quão imprescindíveis são a colaboração e a união em sala de aula para a aprendizagem. Concordamos com Barella (2013, p. 183) ao assegurar que:

Dessa forma, alegria, amizade, respeito, solidariedade, confiança, harmonia e outros sentimentos positivos auxiliam na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, ao passo que os sentimentos negativos como medo, insegurança, inimizade, tensão, autoritarismo, desconfiança, dentre outros, prejudicam e, muitas vezes, impedem a aprendizagem e o desenvolvimento.

Para dar início ao exercício do dia, foi explicado que iriam construir um texto em conjunto, cujo gênero textual seria escolhido por eles. Foi explicado o que é gênero textual e foram citados exemplos. O único requisito era usar no texto marcas ou produtos que já tínhamos trabalhado, assim, foram usadas as palavras água, suco e farinha.

Alguns alegaram não participar por não saber; era preciso a todo o tempo os incentivar, reafirmar suas capacidades. “O (a) aluno(a) adulto(a), assim como a criança, recebe com muita alegria o assentimento, a aprovação, o elogio do(a) professor(a). Esta participação dedicada, cuidadosa e amorosa é fundamental para a retomada da auto estima, da segurança e da confiança do(a) educando(a) da EJA” (BARCELOS, 2021, p. 94).

Devido ao fato de M5 trabalhar como palhaço, ele sugeriu que escrevessem sobre o circo e todos concordaram. Então foram falando palavras soltas; fui instigando-os: “mas e aí, como podemos colocar isso no texto? Como podemos adaptar essa parte para se encaixar no texto?”. Com muito esforço, eles iam dando exemplos, até encaixarmos as ideias no texto.

Depois de pronto, reforcei a precisão de dar um título ao texto e colocar os nomes dos autores. Os educandos desconheciam o que é autor, título e tema; foi preciso explicar e exemplificar. Diante da insegurança dos alunos, foi necessário muita



insistência e motivação para que eles pudessem participar. Por indicação de um dos alunos, ficou decidido que o título seria “O circo é arte!”.

Figura 2. Texto “O circo é arte!”

O circo é arte!

O circo é diversão aonde chega.
O palhaço chama atenção através das suas acrobacias
O equilibrista faz malabarismos com fogo
A rumbeira dança para animar a plateia
Os animais são entretenimentos.
O casamento é engraçado,
O homem se veste de mulher para ter mais graça
Então, os noivos brigam por um prato de farinha
O suco se transforma em água.
O noivo se casa a pulso, porque a noiva está grávida.
A lua de mel é no banheiro da sogra.
O circo vai embora e deixa saudade no povo.

Autores: Sujeitos da EJA

Fonte: arquivo pessoal da autora.

A música “cidadão”, de Zé Ramalho, foi lida e trabalhada com os educandos para iniciar a aula do sexto dia. Ao ler, questionava o que eles estavam entendendo, e os meninos iam colocando o que entendiam e suas opiniões. Perguntei para eles se já tinham passado por alguma situação que os constrangeram por não saberem ler nem escrever. M4 relatou:

Um dia eu fui pegar o ônibus que ia pra casa da minha tia. Como não sei ler, peguei o que eu pensava que era, daí chegou no final de linha e o cobrador disse que eu peguei o ônibus errado e teria que descer ali mesmo para ir caminhando até a casa da minha tia porque não tinha mais ônibus. Se eu soubesse ler não teria pegado o ônibus errado, teria pegado o ônibus certo.

Esse relato de M4 reforça o que até aqui foi defendido: o ensino com base na realidade e necessidade dos educandos. Outros constrangimentos foram citados pelos alunos, assim como situações de preconceito, infelizmente por seus trajes simples, as vezes sujos e/ou rasgados, por seus estilos “largados”, por alguns possuírem brincos, tatuagens e por vezes morarem em comunidades também esquecidas e marginalizadas, os estudantes da EJA, principalmente os meninos/homens são, cotidianamente, alvos de estereótipos, preconceitos e violência.

O bingo foi o tema da aula. Ao tirar um rótulo de dentro da bolsa, eles teriam que identificar o nome da marca na cartela. M3 já estava mais familiarizado com as letras, então não teve dificuldade na atividade. M5 já conseguia identificar a primeira letra e ia eliminando da cartela aquelas palavras que não começavam com a mesma letra que estava no começo da palavra da marca. M4 foi o que teve mais dificuldade: mesmo com a ajuda do colega, a todo momento falava em desistir. “Assim, num jogo de ludicidade com palavras orais (cf. DEBYSER, 1991; VEVER, 1991), os jovens e adultos



são ajudados a refletir sobre as propriedades orais e escritas das palavras” (MORAIS, 2013, p. 65).

M4 não conseguiu fazer, também, o reconhecimento da única marca que estava sendo representada na cartela com o seu logotipo, deixando, assim, a maioria das marcas da cartela sem marcar. Porém, “se eles são expostos, na escola, a atividades como estas, fora da escola, nos momentos em que eles se depararem com certos produtos, eles podem, sozinhos, tentar estabelecer relações como as que foram vivenciadas na sala de aula” (ALBUQUERQUE e LEAL, 2013, p. 157).

Todos “passaram batido” no bingo. Foram conferidas todas as cartelas junto a eles, mostrando e lendo as marcas, tanto nas cartelas quanto nos rótulos. Mesmo não tendo um ganhador, todos ganharam os prêmios do bingo, pois o objetivo era o desenvolvimento e o aprendizado. M3 relatou: “Rapaz, num vou mentir não, essa professora surpreende as pessoas”. Perguntado o motivo, ele justificou: “Porque é diferente das outras”. De acordo com Leite (2013, p. 56),

[...] nas atividades de ensino, concentra-se a maior carga afetiva da relação professor/aluno: olhares, posturas, conteúdos verbais, contatos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções e correções, etc., constituem aspectos da trama de relações interpessoais, com enorme poder de impacto afetivo no aluno, seja positivo, seja negativo.

Na aula seguinte, foi explicado aos alunos qual era a dinâmica do dia – produzir uma propaganda. Na lousa, foram retomados os conceitos das aulas anteriores e explicado o passo a passo sobre o que teriam que construir: escolher um produto, construir o nome da marca e o símbolo que a represente, em seguida, construir o slogan (frase-chave da marca) e, por último, o rótulo para informar o que compõe o produto.

Cada dupla ficou com uma cartolina, e, para construir, foi necessário indagá-los – “Qual o produto que escolheram? Qual o nome que vocês querem dar à marca? O slogan precisa ser algo que defina sua marca e que ao mesmo tempo motive o público-alvo da sua empresa a comprá-lo”. Assim, eles iam fazendo a atividade. Uma dupla teve mais dificuldade, pois alegava não saber e querer desistir, e, mesmo com todo o suporte, um dos alunos simulou ir embora. Segundo ele, estava pensando sozinho. O estudante ficou livre para ir, não foi impedido, mas ele voltou para tentar mais uma vez.

Passaram a pedir opinião/ajuda e, depois de muito esforço, conseguiram concluir o trabalho. Em relação à construção do rótulo, foi escrita uma tabela no quadro com os itens básicos (valor energético, calorias, sódio, carboidrato etc.) que aparecem em um rótulo, assim, enquanto perguntava aos educandos a quantidade de cada item que possuía em seu produto, as duplas, separadamente, foram informando, depois de copiados na lousa pela pesquisadora, os alunos copiaram em seus trabalhos.



Figura 3. Alunos elaborando o trabalho.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O oitavo e último dia foi de culminância: a primeira dupla apresentou seu trabalho, cujo produto era o café. A segunda dupla hesitou em apresentar, assim, M2 convidou M1 para apresentar junto a ele, e explicaram e defenderam seu produto (leite). Ao ir indagando-os, os alunos explicaram o que significava e qual era a função de cada item em seu cartaz. No final da apresentação da segunda dupla, M3 foi defender mais uma vez seu produto, incorporando a alma do negócio e da propaganda, o que tornou tudo mais natural e divertido.

Figura 4. Dupla apresentando seu trabalho.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

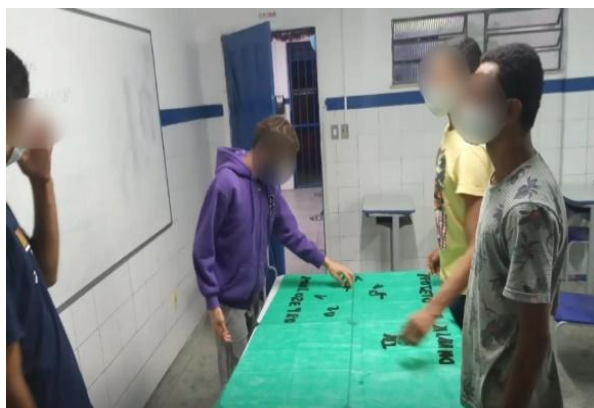
Ao trabalhar com propagandas e sala de aula, Freire (2021, p. 44) coloca:

O que poderia também ocorrer? [...] que os filhos comessem a dizer: “você está vendo, papai? Essa propaganda aí é racista”; “Você está vendo mamãe? Essa propaganda aí é machista” (risos). Aí o pai poderia até pensar: puxa, mas esses professores estão estragando meus filhos”! Entendes? Era possível também que houvesse uma reação da própria direção da escola.



Em seguida, ocorreu a construção do painel. Em uma mesa, foram espalhadas letras de papel emborrachado, na lousa foi inscrito o título do projeto e os alunos foram montando o título no painel, preenchidos com os registros de todas as atividades desenvolvidas durante o projeto e exposto na parede da sala. Todos ficaram orgulhosos de seus trabalhos.

Figura 5. Construindo o mural.



Fonte: arquivo pessoal da autora (registro feito por um aluno).

O trabalho com rótulos e propagandas possibilitou o desenvolvimento de raciocínio crítico, da escrita, oralidade e da criatividade, além da leitura por diversas estratégias. Como nos lembra Arroyo (2019, p. 132), “o tempo de educação pode ser um tempo de afirmação do direito à cidadania e ao conhecimento. Um tempo de um novo sentido político da docência: profissionais da garantia do direito ao conhecimento”. Conhecimento que liberta e que concretiza a efetivação do direito. Como afirma Leite (2019 p. 52),

[...] o aluno da EJA ao tentar reatar o vínculo interrompido, não pode encontrar um ambiente escolar que continue produzindo impactos afetivos negativos; ao contrário, o ambiente de sala de aula deve ser planejado de forma a garantir todas as condições previsíveis no sentido de que as experiências aí vivenciadas produzam impactos afetivos positivos, o que aumentará a chance de o aluno continuar o seu processo escolar.

De acordo com a experiência de cada aula, havia a necessidade de adaptar as próximas para melhor participação e acolhimento dos alunos com a introdução de poemas, música e dinâmicas que resultava em diálogos sobre diversos temas – meio ambiente, feminicídio, respeito, empatia etc. Isso porque, como defende Barcelos (2021, p. 95),

Inventar e reinventar. Isto talvez seja o que todo(a) educador(a) da EJA mais tenha que fazer. Reinventar práticas pedagógicas, didáticas e metodológicas de atuação junto aos educandos e educandas. Mas



não deve ficar apenas na reinvenção de conteúdos e práticas docentes. Há que reinventar hábitos, costumes, valores e, principalmente, a esperança de que sempre é possível aprender.

Desse modo, os alunos se sentiam pertencentes àquele meio ao terem seus conhecimentos valorizados. “Dar voz ao aluno, antes e durante as atividades de ensino, é o caminho para reconhecer suas experiências e conhecimento, identificar o ponto de partida de onde se pretende ampliar e prosseguir” (BARROS, 2013, p. 156). Assim, a importância de entender o grau de conhecimento dos educandos e trabalhar com eles a partir das suas realidades não está em atrofiar em determinado saber, mas de ser um ponto de partida para ampliar a gama de conhecimentos já existentes. Ainda nessa perspectiva, Barros (2013, p. 157) enfatiza que,

O professor, tendo como ponto de partida a realidade dos alunos estabelece objetivos claros e precisos, a partir de uma base teórica, recorre a estratégias de planejar, prever, organizar e dirigir situações de ensino, avaliando continuamente a progressão da aprendizagem desses alunos e tomando decisões de reorganização da ação sempre que necessário.

À vista disso, torna-se evidente a força da dinâmica educacional, em que é crucial a avaliação constante das práticas pedagógicas para que se possa atingir positivamente cada indivíduo que deposita na EJA suas últimas fichas de esperança em um mundo mais justo, menos segregador e desumano. Nessa perspectiva, Barcelos (2021, p. 99) coloca que,

Ou encontramos uma saída para a imensa injustiça social que é a exclusão da escola de milhares e milhões de pessoas ou nos conformamos definitivamente com o fracasso de nossas estruturas sociais e educacionais. Estão sendo, também, postas em *xeque* nossas fórmulas, cartilhas, metodologias e alternativas milagrosas de resolução dos problemas educacionais.

Diante do exposto, reafirmamos a relevância de trabalhar e refletir sobre os gêneros textuais. O objetivo principal consistia na interpretação e na identificação do propósito comunicativo de rótulos e propagandas, no desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual, no estímulo à criatividade e ao diálogo, assim como no desenvolvimento da consciência crítica. Devido à participação, à interação, à curiosidade em aprender e saber mais sobre o tema abordado e ao desenvolvimento dos educandos, podemos dizer que o objetivo foi alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a experiência de observação participativa, foi possível compreender que a escola significa para os sujeitos da EJA uma oportunidade de aquisição da leitura e da escrita, assim como uma passagem para melhoria de vida/aquisição social. Ainda



segundo eles, isso poderia torná-los cidadãos participativos na sociedade, pois são esses os motivos que os fizeram voltar à escola e é esse (ou deveria ser) o papel da EJA.

Reafirmamos a relevância de trabalhar e refletir sobre os gêneros textuais. O objetivo principal consistia na interpretação e na identificação do propósito comunicativo de rótulos e propagandas, no desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual, no estímulo à criatividade e ao diálogo, assim como no desenvolvimento da consciência crítica. Devido à participação, à interação, à curiosidade em aprender e saber mais sobre o tema abordado e ao desenvolvimento dos educandos, podemos dizer que o objetivo foi alcançado.

Ao decorrer da pesquisa, foi possível perceber que, como nas demais modalidades, a presença da ludicidade, da afetividade e do respeito é indispensável na EJA também, pois não é o trabalhar com adultos, jovens e idosos que nos isenta de proporcionar um ensino dinâmico, inteligente, reflexivo, crítico e sagaz. Que tal começarmos pela beleza da empatia e pela arte de saber ouvir?

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: **itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 2ª reimpressão, 2019.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para a educação de jovens e adultos**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 3ª reimpressão, 2021.

FREIRE, Paulo; Guimarães, Sérgio. Educar com a mídia: **novos diálogos sobre a educação**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo; Shor, Ira. Medo e ousadia: **o cotidiano do professor**. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GAZOLI, D. G. D. et al. **Afetividade e letramento na perspectiva de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

LEITE, Sandra Fernandes. **O Direito à Educação Básica para Jovens e Adultos na Modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. – 1. ed. – Curitiba. Editora CRV, 2013.